

Publicar neste ano uma coletânea de textos que trata das ciências sociais em saúde no continente americano, com ênfase especial na experiência de alguns países latino-americanos, nos dá uma dupla satisfação. A primeira, porque comemoramos duas décadas do seminário que a Organização Pan-Americana da Saúde realizou em Cuenca, Equador, quando se fez um balanço das realizações que as ciências sociais haviam alcançado no continente latino-americano. E se realizava, exatamente, na mesma cidade onde, onze anos antes, essa instituição fizera uma primeira avaliação desse campo. Ambas reuniões tiveram em Juan César García, médico e sociólogo, o seu principal incentivador e orientador. Estive nas duas reuniões, e acompanhei de perto a realização da segunda, organizando posteriormente todo o material apresentado, publicando-o em português em 1985 e em espanhol em 1986, sob o título de *As ciências sociais em saúde na América Latina: tendências e perspectivas*. O segundo motivo de satisfação é verificar que o crescimento da área foi progressivo e, mesmo trazendo as marcas da sua história regional, inscreve-se no campo internacional com notáveis contribuições teóricas e metodológicas. Sem pretender detalhar a comparação entre a situação que precede os anos 80 e a dos últimos vinte anos, cumpre lembrar que eram muitos os problemas a serem trabalhados. Esses problemas não se resumiam em desenvolver uma produção científica que demarcasse o papel das ciências sociais e as questões de saúde das mais diferentes naturezas, mas introduzir o próprio ensino das humanidades nas escolas médicas, num ambiente cujo eixo privilegiava as ciências biológicas. Mesmo nas escolas de saúde pública, as experiências eram pontuais. Com o passar dos anos, sentiu-se que as ciências sociais já não eram mais vistas como algo extemporâneo e deslocado. A necessidade de problematizar as questões de saúde, procurando descrevê-las, compreendê-las e interpretá-las nos quadros teóricos e conceituais das ciências sociais impulsionaram uma produção que se diversificou ampliando as possibilidades de sua aplicação na saúde. Os caminhos construídos nesse período são firmes, largos e bem sinalizados. Escrevo caminhos, porque as idéias centrais que orientaram os pioneiros, muitos ainda em franca atividade, e que buscavam ordenar a compreensão social da medicina, da doença, e da saúde foram se diversificando numa proporção crescente de temas, teorias, metodologias, e não em uma única direção. Há, certamente, convergências e isso pode ser constatado por alguns artigos aqui publicados. Sem dúvida, a marca da produção oferecida aos leitores é a da reflexão, que permite uma imersão que não somente descreve, mas também analisa, num exercício em que não falta o espírito da crítica no processamento, comparação e discernimento do conhecimento produzido.

A partir do texto de abertura deste número, verifica-se que o debate das relações entre Estado e sociedade civil continua a ser temática fundamental, em especial sob a forma aqui analisada, em três eixos tão necessários para dimensionar as políticas de saúde no mundo contemporâneo: o da desigualdade, o dos movimentos sociais e o dos direitos sociais. Necessário torna-se dar vozes a esse debate e integrá-lo aos amplos e diversos espaços que configuram o “mutante campo teórico” das ciências sociais da saúde, como é apresentado em um dos artigos que recupera as possibilidades teóricas dessa disciplina.

Esses dois trabalhos iniciais configuram aspectos fundamentais de uma trajetória que encontra nos diversos artigos que se seguem a evidência de que se alcançou a institucionalização das ciências sociais no campo do conhecimento das práticas em saúde, em diversos países do continente, experiência que pode, inclusive, ser comparada à que se desenvolveu nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França. Mas, se essa incursão por alguns países permite ressaltar o grau de desenvolvimento atingido pela área, há questões que se sobrepõem a esse nível e que podem ser vistas quando os artigos se voltam para as possibilidades e dificuldades nas relações entre as ciências sociais e a epidemiologia; a recuperação da produção antropológica; a revisão das relações saúde-trabalho na vertente das ciências sociais; a avaliação da produção em ciências sociais relacionada aos problemas ambientais; a reconstrução do pensamento sobre a comunicação. De outro lado, discussões teóricas im-

portantes vêm concorrendo para que conceitos classicamente construídos na história do pensamento social e as mais recentes elaborações incorporem-se no discurso das ciências sociais que se voltam para a saúde; é o caso das elaborações analíticas sobre indivíduo e pessoa, como também a vertente que, a partir da saúde, reconstrói a noção de cuidado. Ponto crítico das ciências sociais tem sido o seu ensino no campo da saúde. Hoje, há experiências bem-sucedidas nos diversos níveis de graduação, pós-graduação e especialização, porém os caminhos no setor ainda dependem não somente de arranjos institucionais, como do próprio desenvolvimento de práticas pedagógicas e de estruturação de conteúdos que permitam um melhor aproveitamento das ciências sociais na reprodução do conhecimento por meio do ensino. Ilustramos esse caminhar com dois artigos: um que trata de algumas experiências no ensino de graduação em medicina; e outro que relata uma experiência pioneira norte-americana de ensino para alunos do curso médico. Completamos os temas abordados com algumas questões importantes para o conjunto oferecido aos leitores: as possibilidades de desenvolvimento sustentável dos sistemas de saúde; o que se projetou nos congressos que a área realizou no Brasil; a importância da análise institucional, campo privilegiado das ciências sociais, e o desenvolvimento da produção científica nos cursos fora da área e que com ela trabalham. Encerramos esta edição com um texto póstumo de Otávio Cruz Neto, profissional que militou na área até o seu prematuro falecimento.

Ao iniciarmos esta apresentação, fizemos referência a eventos que marcaram os anos 70 e 80, e que assumiriam outra forma nos anos seguintes. O movimento das ciências sociais da saúde iria realizar-se por meio do Fórum Internacional (1992) e dos fóruns regionais, sendo que o primeiro da América Latina teve lugar em Caracas, Venezuela, em maio de 1994. Uma prática bastante profícua foi a da organização dos congressos nos moldes dos que vinham sendo realizados pela revista *Social Science & Medicine*, desde 1968, de tipo pouco tradicional e com número limitado de participantes que discute uma agenda por eles organizada e com o apoio de trabalhos previamente solicitados a alguns pesquisadores. O primeiro na América Latina realizou-se em Santiago (Chile), em 1991, e os outros, sucessivamente, em Córdoba (Argentina), em 1993; em Atibaia (Brasil), em 1995, quando o Fórum Regional passou a ter papel relevante em sua organização e a partir do quarto, realizado em Cocoyoc (México), em 1997, tornou-se o seu organizador. O quinto congresso foi realizado na Isla Margarita (Venezuela), em 1999; o sexto em Santa Clara (Peru), em 2001; e, em 2003, o sétimo, em Angra dos Reis (Brasil). Diversos países têm promovido reuniões, encontros, seminários e congressos, num dinamismo crescente da área.

É, portanto, com satisfação e otimismo que apresentamos este número temático. Sabemos que há muitas questões que continuarão a desafiar os cientistas sociais tanto em sua produção intelectual como na transmissão dos conhecimentos e na formação de recursos humanos, mas as conquistas obtidas abrem-nos imensas possibilidades, especialmente quando as próprias ciências sociais são desafiadas a se posicionarem em relação aos avanços da biomedicina. Não se trata de criar um confronto, mas de tentar uma visão de maior completude na relação natureza-homem-sociedade, estabelecendo tanto no plano do conhecimento como no das práticas sociais as possibilidades de uma sociedade mais solidária.

Teria sido impossível a elaboração deste número sem a participação efetiva de Maria Cecília de Souza Minayo e do corpo editorial, como também da secretaria da Revista. Porém, sem o brilho, erudição e competência dos autores que contribuíram para esta realização não chegaríamos a este resultado, que, sem dúvida, se tornará referência para todos os cientistas. Muito obrigado a todos.

We find two great sources of satisfaction in publishing an anthology of articles this year dealing with the social sciences in health in the Americas, with special emphasis on the experience of several Latin American countries. First, we are celebrating the 20th anniversary of the seminar held by the Pan-American Health Organization in Cuenca, Ecuador, that produced an inventory of the achievements by the social sciences in Latin America. The meeting was held precisely in the same city where eleven years earlier PAHO had conducted an initial evaluation of this field. Both meetings drew their main inspiration and guidance from physician and sociologist Juan César García. I attended both meetings and participated directly in the organization of the second, arranging all the papers presented there and publishing them in Portuguese in 1985 and in Spanish in 1986, with the title *The Social Sciences in Health in Latin America: Trends and Perspectives*. The second source of satisfaction is in observing that the field has grown steadily, and even while preserving its regional historical traits, it has made important theoretical and methodological contributions to the international field. Without going into great detail in comparing the situation prior to the 1980s with that of the last twenty years, we should recall that there were numerous problems to be dealt with, not only developing academic output to demarcate the role of social sciences in relation to various types of health issues, but also to introduce the teaching of humanities into medical schools, an environment whose main thrust had traditionally prioritized the life sciences. Experience with the social sciences was limited even in schools of public health. As the years went by, the social sciences were no longer seen as extemporaneous or out of place. The need to confront health issues, seeking to describe, comprehend, and interpret them within the theoretical and conceptual frameworks of the social sciences, fostered a diversified academic output that expanded the possibilities for applying such approaches to health. The roads built along the way are now solid, broad, and well-marked. I use the term roads, because the key ideas that inspired the pioneers, many of whom are still at work, and which attempted to provide order to a social understanding of medicine, disease, and health, became increasingly diversified in their themes, theories, and methodologies, rather than taking a single direction. There have definitely been points of convergence, as witnessed in some of the articles published herein. Without a doubt the key characteristic of the academic output offered to readers here is that of reflection, allowing for an exercise in immersion which not only describes but also analyzes, an exercise with a critical spirit towards the processing, comparison, and discernment of the knowledge produced.

Beginning with the opening article in this issue, one notes that the debate on relations between the state and civil society is still a fundamental theme, especially in the way it is analyzed here, with three axes, so necessary for measuring health policies in the contemporary world: inequality, social movements, and social rights. It is necessary to provide voices to the debate and make it part of the broad and diversified areas shaping the “changing theoretical field” of social sciences in health, as presented in one of the articles that reviews the discipline’s theoretical possibilities.

These two initial studies present fundamental aspects of a trajectory that proceeds in the subsequent articles to show evidence that institutionalization has been achieved in the social sciences vis-à-vis health practices in various Latin American countries, an experience that can be compared to that of the United States, Great Britain, and France. Still, while this incursion into several countries helps highlight the degree of development achieved by the field, there are issues that stand out at this stage and that can be observed when the articles focus on the possibilities and difficulties in the relations between the social sciences and epidemiology; the retrieval of anthropological output; the review of relations between health and work in the social sciences watershed; the evaluation of social sciences analysis towards environmental problems; and the reconstitution of thought on communications. In addition, important theoretical discussions have occurred to in-

corporate classically constructed and more recently elaborated concepts in the history of social thought into the discourse of social sciences and health; such is the case of analytical elaborations on the individual and person, as well as the approach that takes health as the point of departure to reconstruct the notion of care. It has been critical to actually teach the social sciences in the field of health. There are now successful experiences at various undergraduate, graduate, and post-graduate levels, but the approaches in this sector still depend both on institutional arrangements and the very development of teaching practices and the organization of course contents allowing for better utilization of the social sciences in the reproduction of knowledge through teaching. We illustrate this experience through two articles on teaching the social sciences as part of undergraduate medical training in different national contexts. We conclude the themes with some important questions for the set of articles offered to readers: possibilities for sustainable development of health systems; the material presented at congresses in this area in Brazil; the importance of institutional analysis, a privileged field for the social sciences; and the development of scientific output in courses outside the field itself but which work with it. We conclude the issue with a posthumous article by Otávio Cruz Neto, a colleague who was active in the field of social sciences in health until his premature death.

When we began this introduction, we referred to the events that marked the 70s and 80s and which took on a different format in the following years. The social sciences in health movement developed through an International Forum (1992) and Regional Forums, the first of which in Latin America took place in Caracas, Venezuela, in May 1994. It proved highly productive to organize the congresses along the lines of those that had been held by the journal *Social Science & Medicine* since 1968, with a non-traditional style and a limited number of participants who discuss an agenda they organize themselves with the support of texts previously commissioned from specific researchers. The first in Latin America was held in Santiago (Chile) in 1991, followed by Cordoba (Argentina) in 1993, Atibaia (Brazil) in 1995, when the Regional Forum began taking on a relevant role in its organization, and the fourth in Cocoyoc (Mexico), in 1997, where the Forum became the primary organizer. The fifth Congress was held in Isla Margarita (Venezuela) in 1999, the sixth in Santa Clara (Peru) in 2001, and the seventh will be in Angra dos Reis (Brazil) in 2003. The various countries have held meetings, symposiums, seminars, and congresses, demonstrating the growing dynamics in the field.

We thus take great satisfaction and optimism in presenting this issue. We are aware that there are many issues that will continue to challenge social scientists both in their intellectual production and in the transmission of knowledge and training of human resources, but the gains achieved thus far have opened up tremendous possibilities, especially when the social sciences themselves are challenged to take a stance towards biomedical advances. It is not an issue of establishing a confrontation, but of attempting to gain a more complete view of the relationship between nature, man, and society, creating the possibilities for a society with greater solidarity both in knowledge and social practice.

Without the dedication of Maria Cecília de Souza Minayo, the editorial board, and the journal's staff, it would have been impossible to produce this issue. Further, without the brilliance, erudition, and competence of the authors we would not have achieved this result, which is certain to become a reference for all scientists. We wish to express our sincerest thanks to all involved.

Everardo Duarte Nunes

Guest editor